



PENSAMENTO MIDIÁTICO COMUNICACIONAL

O discreto charme da escritura: histórias da inscrição como pensamento técnico da comunicação

The discreet charm of writing: stories of the inscription as a technical thought of communication

El discreto encanto de la escritura: historias de la inscripción como pensamiento técnico de la comunicación

Luis Felipe Abreu¹

orcid.org/0000-0002-2460-5165
paraluisabreu@gmail.com

Alexandre Rocha da Silva¹

(in memoriam)

Recebido em: 17 jan. 2022.

Aprovado em: 18 fev. 2022.

Publicado em: 7 jun. 2022.

Resumo: O presente artigo propõe uma articulação entre a teoria da escritura de Jacques Derrida e reflexões epistemológicas concernentes à comunicação. O argumento, construído de forma crítica a partir de pesquisa bibliográfica exploratória, consiste em reconstituir a noção de escritura em Derrida destacando, primeiro, seu aspecto técnico e, posteriormente, sua operacionalização no discurso enquanto rastros; caráter que a aproximação de uma reflexão midiática. A partir disso, demonstramos como esse pensamento do rastro se expressa na (e expressa a) materialidade comunicacional na sua atualização por Bernard Stiegler e seu conceito de gramatização. Por fim, como ensaio-piloto de ação dessa teoria, realizamos uma leitura da performatividade algorítmica como expressão contemporânea da escrituração comunicacional. Tal percurso acaba por demarcar para o potencial heurístico dessa perspectiva para a atual pesquisa com escritas midiáticas – e para a própria epistemologia da comunicação.

Palavras-chave: Escritura. Gramatização. Filosofia da técnica. Teoria da Comunicação. Algoritmos.

Abstract: This paper proposes an articulation between Jacques Derrida's theory of writing and epistemological reflections concerning Communication. The argument, critically built on the basis of an exploratory bibliographical research, consists in reconstructing the notion of writing in Derrida, first highlighting its technical character and then its operationalization in the discourse as traces; traits that bring it closer to a medial reflection. From this, we demonstrate how this thought of the trace is expressed in (and expresses the) communicational materiality in its actualization by Bernard Stiegler and his concept of grammatization. Finally, as a experimental analysis of the operation of this theory, we conduct a reading of algorithmic performativity as a contemporary expression of communicational writing. This path ends up demarcating the heuristic potential of this perspective for the current research on mediatic writings – and for Communication Epistemology itself.

Keywords: Writing. Grammatization. Philosophy of technics. Communication theory. Algorithms.

Resumen: Este trabajo propone una articulación entre la teoría de la escritura de Jacques Derrida y las reflexiones epistemológicas sobre la Comunicación. El argumento, construído de manera crítica a partir de una investigación bibliográfica exploratoria, consiste en reconstituir la noción de escritura en Derrida, destacando, primero, su aspecto técnico y, después, su operacionalización en el discurso como trazos; rasgos que la aproximan a una reflexión mediática. A partir de esto, demostramos cómo este pensamiento de la huella se expresa en (y expresa la) materialidad comunicacional en su actualización por Bernard Stiegler y su concepto de gramatización. Finalmente, como ensayo piloto de acción de esta teoría, realizamos una lectura de la performatividad algorítmica como expresión



¹ Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, RS, Brasil.

contemporânea de la escritura comunicacional. Dicho camino termina por delimitar el potencial heurístico de esta perspectiva para la investigación actual con la escritura mediática – y para la propia Epistemología de la Comunicación.

Palabras-clave: Escritura. Gramatización. Filosofía de la técnica. Teoría de la comunicación. Algoritmos.

Introdução

Próximo à conclusão de seu *A caverna dos sonhos esquecidos* – documentário sobre a Caverna de Chauvet, lar das mais antigas pinturas rupestres conhecidas, datando de 32.000 a.C. –, Werner Herzog indaga Jean-Michel Genest, diretor do instituto de pesquisa do local. Poderíamos mesmo entender aqueles desenhos como uma gênese da humanidade? Mas aí, antes disso, caberia perguntar, como o faz o cineasta, "O que é a humanidade?". A resposta de Genest atravessa os tempos:

A humanidade é um modo de se adaptar com, no mundo. A sociedade humana precisa se adaptar à paisagem, a outros seres, os animais, a outros grupos humanos. E precisa comunicar algo, comunicar e inscrever a memória em coisas muito específicas e duras, como paredes, pedaços de madeira, e ossos. [...] Com a invenção da figuração, figuração de animais, de homens, de objetos... é uma forma de comunicação entre humanos, e com o futuro, para além do passado. Transmitir informação, isso é muito melhor que a linguagem, que a comunicação oral.³ E essa invenção continua a mesma no nosso mundo, hoje... Como essa câmera, por exemplo.

Ao comparar Herzog a um Cro-Magnon desenhando nas paredes da caverna – e a si próprio, enquanto imagem filmica, ao desenho de um bisão ou urso – Genest rasura, em um só movimento, sobre conceitos como *comunicação, informação, representação, mídia e linguagem*.

Gostariamos de aqui propor um exercício de escrita semelhante, tendo também por veículo a ideia de *inscrição*.

Tal iniciativa dá seguimento a nossas pesquisas em torno da articulação de uma noção de comunicação no pensamento de Jacques Derrida (ABREU; SILVA; COLLING, 2020), este ensaio tem

preocupações arqueocomunicacionais não muito distintas daquelas de Genest; de mesmo modo, entende as inscrições como um operador teórico e, sobretudo, heurístico para entender o futuro via o passado. Aqui, propomos um percurso pelo conceito de *escritura* de Derrida, realizando uma pesquisa bibliográfica exploratória de fôlego, de modo a singularizar tal teoria e, ato subsequente, avalizar suas relações com um pensamento comunicacional e midiático.

Como colocou recentemente o filósofo chinês Yuk Hui (2020), expoente dos estudos contemporâneos da tecnologia no campo da comunicação, há algo na escritura de Derrida que entrevê os desenvolvimentos da técnica; ao expor a latência dessa visão na sua obra e aproximar a escrita da técnica, extrapola-se aquela para melhor entender essa; e a pesquisa ganha assim uma poderosa ferramenta. Nosso objetivo aqui é similar, e realiza-se em dois gestos de investigação distintos: a primeira sessão propõe uma retomada da gramatologia de Derrida para dispor os fios desse jogo conceitual. Retomando a escritura, em sua relação com a própria possibilidade da linguagem e da episteme, levamos o debate na direção de sua operação pelas inscrições, pelos *rastros*. Conclui-se assim em tratar do caráter *metonímico* da escritura: os fenômenos não ocorrem *como* escritas, metaforicamente, mas contêm escritas; operam por meio de inscrições e são forçosamente gravados – e comunicados.

Tal encaminhamento nos leva ao núcleo da discussão de Hui (2020), ao destacar que devemos pensar essas formas de inscrição – sempre técnica – dos objetos. Esse aspecto é foco de nossa segunda sessão, quando a escritura derridiana se põe à prova diante dos fenômenos comunicacionais. Isso se dá aqui pelo acionamento dos estudos de Bernard Stiegler, que aprofunda a relação entre a escritura e a técnica – e ajuda a entender a formação e a operação dos rastros por meio da noção de *gramatização*. Como modelização dos modos de desenvolvimento das inscrições, a gramatização permite indagar a capacidade heurística da escritura em lidar com objetos midiáticos e digitais

³ Ainda que linguagem e informação não possam ser tomadas em uma perspectiva assim dualista; é, afinal, o que buscaremos afirmar nas páginas a seguir.

contemporâneos – como exemplificaremos no último movimento do artigo, ao pensar, enquanto análise-piloto, a *escritura dos algoritmos*.

Febre de inscrição: Jacques Derrida e as técnicas de escritura (e as escritas da técnica)

Entender a presença da escritura na obra derridiana, termos que vinca sua obra de uma ponta a outra, passa por compreender o contexto científico de sua época. Durante a composição dos trabalhos iniciais de Derrida – a própria *Gramatologia*, mas também os ensaios de *A escritura e a diferença* (2014) ou suas teses sobre Husserl em *A voz e o fenômeno* (1994) –, na década de 1960, o Ocidente vivia uma espécie de “*febre da inscrição*”. Avanços na compreensão das escritas pictográficas, bem como os estudos de pinturas como as das cavernas de Lascaux, somavam-se aos desenvolvimentos da cibernética e da genética em torno de ideias como as de programa e de informação (JOHNSON, 1993; PINTO-NETO, 2017). Em meio a essas revoluções, Derrida parte de três fontes principais para a rubrica da escritura: os estudos sobre hieróglifos de Madeleine V-David, um colóquio sobre “A escritura e a psicologia dos povos” organizado em 1963, e a antropologia/paleontologia de André Leroi-Gourhan. O trio é mencionado já desde a primeira nota de rodapé no prefácio de *Gramatologia* (2017, p. IX) e contribui com instrumentos decisivos para a desconstrução pretendida pelo livro: uma leitura da escrita fora da oposição com a linguagem verbal, uma positivação do escrever, não mais entendido como uma derivação do conhecimento “verdadeiro”.

Esses acontecimentos científicos reúnem-se para, eles também, desmontarem tal compreensão, apontando para um entendimento da escritura fora dos paradigmas representacional e linguístico. Uma cadeia de DNA, entendida como um código, não “quer dizer” nada: produz, ela própria, na sua

configuração, os efeitos sobre o organismo. Uma escrita pictórica, como as abordadas por V-David, não corresponde à ideia de um simulacro decaído da fala; o sentido aí passa muito mais pela performance da inscrição, pela *in-formação* do mundo pelo traço. Até aqui estamos ainda no terreno da *dyferença*⁴ e das já bem conhecidas críticas derridianas à ideia de significado transcendental. O que gostaríamos de derivar para um pouco mais além é o *caráter técnico* de pensamento da inscrição e como isso propõe uma reflexão sobre a *comunicabilidade da escritura*.

Partindo de um objeto semelhante, ao retomar e problematizar a presença dos pictogramas chineses em *Gramatologia*, Hui parece atar ambos os aspectos:

Escrever não é apenas a entrega de um sentido comunicativo, mas também uma reflexão sobre as relações entre os humanos e o cosmos [...] Porém, é também pelo domínio da escrita enquanto arte, ao invés de um mero meio de comunicação, que se entende a relação entre o escrever e o Dao (HUI, 2020, p. 28, tradução nossa).⁵

Há aqui ainda um certo ranço com o termo “comunicação”, compreendida meramente como “transporte de sentido”, sem considerar os avanços que Derrida realiza sobre o conceito (ABREU; SILVA; COLLING, 2020). Porém, interessa agora apontar a essa questão de um *domínio* da escritura, que é o que permitiria ultrapassar esse aspecto transfereencial. Esse domínio referido parece ser o técnico, da apreensão caligráfica do gesto de inscrição. Tal capacidade é que permitiria a própria concepção daquilo que se entende por linguagem – e que seria tão comunicativa (já em uma renovação do termo) quanto mais in-formativa e menos representacional for. Nesse jogo é que se pode pensar em como o exercício da técnica é também o exercício da comunicação – e como o princípio de uma se confunde com o princípio da outra:

⁴ Assim como em nosso artigo anterior (ABREU; COLLING; SILVA, 2020), optamos pela grafia de *differánce* como *dyferença*, por acreditar a mais adequada ao jogo com a fonética realizado pelo termo. As traduções correntes das obras aqui referenciadas variam entre vocábulos como *diferança* ou *diferência*; e tais grafias podem aparecer dentro de citações diretas, pela fidelidade à bibliografia.

⁵ Do original: To write is not simply to deliver communicative meaning but also to ponder about the relation between the human and the cosmos. [...] However, it is also by mastering writing as an art, instead of a mere means of communication, that one understands the relation between writing and the Dao.

Técnica a serviço da linguagem: não recorremos aqui a uma essência geral da técnica que já nos seria familiar e que nos ajudaria a compreender, como um exemplo, o conceito estreito e historicamente determinado da escritura. Ao contrário, acreditamos que um certo tipo de questão sobre o sentido e a origem da escritura precede ou pelo menos se confunde com um certo tipo de questão sobre o sentido e a origem da técnica (DERRIDA, 2017, p. 9-10, grifo do autor).

É o terceiro nome dentre aquelas fontes diretas da gramatologia que parece oferecer mais subsídios para desenvolvermos essa observação: Leroi-Gourhan e seu trabalho sobre *o gesto e a palavra* (1983), estudo vertical sobre a formação do Homem sob um aspecto material.

Nas suas belas páginas sobre a libertação da mão, Leroi-Gourhan aponta que a evolução dos homínidos e sua colocação em pé permite o começo da manipulação: dá início ao uso de técnicas e ao desenvolvimento de tecnologias. É essa inesperada capacidade que vai permitir, direta e também colateralmente, uma série de mudanças físicas e cognitivas que *inventam a linguagem*. “O utensílio para a mão e a linguagem para a face são dois polos de um mesmo dispositivo” (LEROI-GOURHAN, 1983, p. 32), é a fórmula que define essa reflexão: essa linguagem verbal que a boca adquire em um sistema sensorio-motor verticalizado é análoga ao processo de *exteriorização* que guia o uso de ferramentas. A voz e a pedra de lascar as paredes das cavernas são duas faces de um mesmo processo.

É assim que a paleontologia de Leroi-Gourhan chega a uma conclusão bastante radical: “Antes da escrita, todo o conhecimento verdadeiro da linguagem é irrealizável” (LEROI-GOURHAN, 1983, p. 115). *L'écriture avant la lettre*: a escritura antes da letra.⁶ Essa fórmula de Derrida, que nomeia o primeiro texto de *Gramatologia*, pode ser rastreada até essa compreensão: a escrita não é uma bastardização da fala, senão faz parte de suas próprias condições de existência. Mas não se trataria de inverter a hierarquia, ou não apenas isso. A escritura não é

uma fórmula mítica: é já ela, desde o início, uma capacidade técnica. Uma ferramenta, avançamos, que surge na *falta*.

Essa estranha posição da escritura, entre conhecimento técnico específico que surge para suprir uma necessidade e a posição gerativa, de traço que permite as possibilidades de expressão, se traduz na noção de suplemento de origem (DERRIDA, 1994, 2005, 2017). Tal caráter *prostético* da escritura “anterior”, aquela que permite o desenvolvimento da própria linguagem e o exercício de qualquer comunicabilidade, Derrida passa a articular sob o nome de *arquiescritura*. No ensaio *A diferença* vemos uma exposição desse percurso, em uma espécie de engenharia reversa, que parte da *práxis* concreta da linguagem para restituir suas condições de desempenho não linguísticas:

A prática da língua ou do código, pressupondo um jogo de formas, sem substância determinada e invariável, pressupondo igualmente na prática desse jogo uma retenção e uma proteção das diferenças, um espaçamento e uma temporização, um jogo de rastros, deve ser necessariamente uma espécie de escrita *avant la lettre, uma arqui-escrita sem origem presente, sem arquia. Daí a rasura controlada da arquia e a transformação da semiologia geral em gramatologia*, operando esta um trabalho crítico sobretudo o que, na semiologia e mesmo no seu conceito matricial - o signo - retinha pressupostos metafísicos incompatíveis com o motivo da diferença (DERRIDA, 1991b, p. 48, grifo nosso).

A arquiescritura comparece aí como nome da origem sem origem da escrita, como própria condição de sua possibilidade. Dessa citação, gostaríamos de extrair duas considerações importantes a nosso argumento: primeiramente, a relação entre arquiescritura e escritura enquanto *tendência e fato*, e a realidade da inscrição; e, em um segundo momento, a distinção da gramatologia para a semiologia por meio destas mesmas inscrições, por meio do *rastro*.

O ponto inicial deriva de uma ideia de Hui (2020) que consideramos produtiva para uma melhor compreensão da arquiescritura fora de uma chave

⁶ A expressão francesa possui uma infinidade de sentidos, como é comum nos jogos de estilo de Derrida. Poderíamos ler a proposição ainda como “a escritura antes da própria escritura”, “a escritura antes das Letras” (como campo de conhecimento), ou até “a escritura diante da letra”, em um sentido de confronto. A edição brasileira da *Gramatologia* optou pelo curioso “A escritura pré-litera”.

transcendente, e dentro de um paradigma informacional.⁷ Hui começa por retomar as ideias de *tendência técnica e fato técnico* de Leroi-Gourhan enquanto duas faces da evolução tecnológica. A tendência diz de um aspecto latente nos objetos, que se realizará por uma ação/criação: em todas as civilizações viu-se o surgimento das rodas a partir de formas naturais, com o objetivo de facilitar o transporte. A pedra de lascas acaba por demandar um cabo, assim como o corpo demanda adornos. Já o fato tem a ver com a forma com que tais tendências realizam-se em determinados meios: o machado terá um cabo de osso ou de madeira? As rodas serão de pedra, terão correias, serão dentadas? Essas "encarnações" são variáveis, resultados do cruzamento de tendências diversas⁸ bem como de coincidências e acidentes (LEROI-GOURHAN, 1984, p. 24-26). Para Hui, essa distinção abre uma provocação: e se entendermos a arquescritura como uma *tendência técnica*?

Tomando essa proposição, conseguimos destacar o problema da suplementariedade originária (uma tendência é sempre advinda de outra tendência; o sílex cortante, que demanda um cabo, é já a realização de uma potência da pedra em ser polida e afiada), bem como compreende o modo como ela gera a escritura. Ou as escritas – que se seguirmos o jogo, tomaremos enquanto *atos técnicos*. Expressões singulares da tendência – e, de certo modo, a tendência só pode ser observável na realidade dos fatos (LEROI-GOURHAN, 1984, p. 26) –, eles corporificam essa arquescritura, permitindo a realização do sentido. Como lemos em um dos ensaios de *A escritura e a diferença*:

Escrever é saber que aquilo que ainda não está produzido não tem outra residência, não nos espera como *prescrição* em qualquer *topos oupanion* ou qualquer outro entendimento divino. O sentido deve esperar ser dito ou escrito para se habitar a si próprio e tornar-se

naquilo que a diferir de si é: o sentido (DERRIDA, 2014, p. 13-14).

A escrita não está ainda produzida, forjada, mesmo que latente enquanto possibilidade na arquescritura (que não é prescritiva: nem arcaica nem teleológica). Existe apenas enquanto *inscrita*, enquanto fato.

Daí em *A diferença* se propor uma "transformação" da semiologia geral em gramatologia. Gramatologia, pois, do signo interessa o *gramma*, termo que joga com a própria ideia de gramática,⁹ com uma recuperação etimológica do conceito de letra. Grama, grafema, traço: os termos são recorrentes nos textos derridianos, mas aqui gostaríamos de destacar um de suas iterações, o rastro. Pois é a ideia de rastro que trabalha de modo mais claro com a *escritura-enquanto-impressão*, ao demonstrar a necessidade de uma grafia concreta do significante para a existência do sentido – e o rastro, com sua ideia de "resto", "pista a ser seguida" também ajuda a articular a relação da escritura com a arquescritura. Ao mesmo tempo remissão e criação; não há tendência visível antes da impressão do fato.

A escritura não é a escrita de matriz linguística, por fim, ao resumir numa fórmula as idas e vindas da exposição até aqui, sua própria circularidade que é parte da própria episteme. É necessário afirmarmos novamente, após entender a construção desse aspecto, que a arquitetura da escritura é o sentido *metonímico* (de ligação material) para o próprio pensamento, para a episteme: "A escritura que rompe radicalmente com a *phoné* é talvez a mais racional e mais eficaz das máquinas científicas" (DERRIDA, 2017, p. 380).

Pensando o processo comunicacional por este aspecto maquinal-epistemológico, entendemos todo gesto de comunicação como uma gravura, esta cicatriz, e todos os polos envolvidos no mo-

⁷ "Se Derrida tivesse escolhido falar em 'informação' em vez de 'escritura', teria sido alvo de tantas incompreensões?" arrisca mesmo Moysés Pinto-Neto (2013, p. 145), ao apontar a profusão de leituras essencialistas do conceito, e indicando sua proximidade com os debates cibernéticos.

⁸ No exemplo do antropólogo: a forja decorre de um encontro de tendências tecnológicas (o fogo pode ser controlado em um forno; o metal tende a derreter sob alta temperatura e se moldar) e sociais (demanda pela metalurgia, ganho de capacidade produtiva etc.). Mas a forja existe como um fato, e a forja egípcia e a forja sudanesa diferem enquanto fatos por trazerem cada qual outras tendências secundárias.

⁹ Este ponto será importante sobremaneira na nossa argumentação, via Bernard Stiegler, como se verá.

delo (o remetente, o meio, o código, o receptor¹⁰) são, eles também, rastros. Que só fazem gerar mais rastros.

Ai então, onde nos levam essas pistas? Esta recuperação-enquanto-resposta cumpre apenas uma primeira parte da conversa, e tratava-se de definir os termos das proposições. É preciso avançar para além desta exegese, na direção de uma demonstração da *vida desses conceitos*, da vida dessa estrutura gramática na comunicação. Aqui, o faremos também como apresentação de um importante intercessor de Derrida, talvez o mais afinado às discussões midiáticas, e responsável pelo conceito de *gramatização* enquanto operação dos rastros e modelo de evolução de seu caráter tecno-informacional: Bernard Stiegler.

Uma gramatização generalizada: Bernard Stiegler e a vida dos rastros na comunicação

Em suas entrevistas com Derrida gravadas pelo Instituto Nacional de Audiovisual (INA), em 1992, posteriormente reunidas em *Écographies de la télévision* (2002), Stiegler começa o diálogo com uma remissão: a televisão, assunto em pauta, é parte do problema da tecnologia, sobretudo da *teletecnologia*, termo que Derrida já aplicava em sua reflexão sobre a escritura.¹¹ Que relação seria possível estabelecer entre essas mídias? E quais as especificidades de cada uma? (DERRIDA; STIEGLER, 2002, p. 36-37).

O interesse pelo desenvolvimento tecnológico, a escrita como modelo, o problema dos fatos e dos rastros técnicos: essa rápida pergunta parece condensar pontos importantes para o pensamento de Stiegler. Aluno de Derrida, o filósofo, dentre seus interlocutores, é aquele que mais levou adiante o aspecto metonímico da escritura, tomando a gra-

matologia *ao pé* e *ao largo* da letra. Lendo ali um "chamado analítico", define o "princípio heurístico da gramatologia" (STIEGLER, 2008, p. 30) em duas camadas: 1) a necessidade de estabelecimento da arquescritura para além de um conceito restrito de escrita; e, aí; 2) o imperativo de desestabilizar o caráter metafísico de todo o fenômeno, a partir de então entendido como inscrição material. Isso a transforma em um campo de estudos amplo, abarcando fenômenos tão distintos quanto a fotografia, a nanotecnologia, e o Antropoceno, para além do próprio fenômeno textual e da linguística (STIEGLER, 2008, 2018). Nesta apresentação, ao aproximar Stiegler das problemáticas da comunicação, gostaríamos de demonstrar a capacidade dessa gramatologia "expandida", acedendo ao potencial não apenas epistemológico quanto *analítico* da teoria.¹² Para tanto, deve-se retomar brevemente as bases das ideias dessa filosofia, no que privilegia uma investigação sobre o aspecto gerativo da técnica.

Tais linhas são traçadas a partir do maior projeto de Stiegler, a trilogia *Técnica e tempo* (STIEGLER, 1998, 2008, 2010), onde lê um dilema originário da filosofia na separação entre *epistème* e *tékhnè* – disputa sempre resolvida em favor da primeira. A técnica, como excluída da reflexão, permanece como um impensado; mas não obstante age, tem efeitos concretos nas relações e na própria noção de sujeito e categorias afins. O primeiro volume, *A falha de Epimeteu*,¹³ organiza essa ideia por meio do mito de Epimeteu, titã da mitologia grega responsável por criar os animais e distribuir entre eles atributos. Ao chegar ao homem, última das criaturas, porém, o distraído Epimeteu havia já gasto todas as características – problema que seria remediado por Prometeu, seu irmão, que roubou o fogo dos deuses e o concedeu à humanidade,

¹⁰ Essa figuração do processo de comunicação, análoga aos modelos matemáticos da informação, Derrida utiliza frequentemente, tomado a Roman Jakobson; inicialmente para realizar uma crítica de sua rigidez (DERRIDA, 2017), e posteriormente para estruturar as próprias reflexões sobre a comunicabilidade (DERRIDA, 1991a).

¹¹ A escritura como *modelo da telecomunicação*, conforme frisamos anteriormente (ABREU; COLLING; SILVA, 2020).

¹² Há também um objetivo secundário aqui, de introdução e apresentação: Stiegler não possui sequer uma tradução de seus livros no Brasil, e comparece de forma tímida no contexto das pesquisas em português – sendo de todo ausente na Comunicação.

¹³ *La faute d'Épiméthée* no original. As edições internacionais optam por traduções variadas do polissêmica "*faute*": em inglês a aproximação "*The fault of Epimetheus*" e em espanhol o poético "*El pecado de Epimeteo*". Pela falta de uma versão em português, arriscamos aqui a ideia de *falha*: pela fidelidade à descrição do mito e por reforçar a noção de uma *abertura*, uma ausência originária que é forçosamente suplementada.

imbuindo-a do atributo artificial da *capacidade técnica* (STIEGLER, 1998, p. 187-188). A essência da humanidade é não-essencial; é uma prótese – e esse caráter se estende a toda invenção vindoura, pois necessariamente derivada dessa apropriação inicial.

O homem mitológico com o fogo, e o homem paleontológico com as pedras de lascar: esse mito de criação do homem pela técnica ecoa a ideia de criação da linguagem pela escrita, na medida em que Leroi-Gourhan é uma das principais fontes de Stiegler (junto a Derrida, Gilbert Simondon e, em outra chave, Martin Heidegger). A necessidade de *exteriorização*, já lida pelo antropólogo, acaba por guiar essa reflexão: "Não existe interioridade que preceda a exteriorização, muito pelo contrário: a exteriorização constitui o interior como tal, isto é, distingue-o e o configura" (STIEGLER, 2009, p. 27).

A história da cultura é a história do desenvolvimento técnico, que é a história da *inscrição da memória*. A escrita instaura a *hipomnésia*, a invenção de uma rememoração mediada por suportes alheios à consciência. Essa história técnica da memória é também uma história técnica da comunicação, entendendo-a nos termos por nós já expostos: inscrição material em um meio, que se desprende do enunciante – de sua consciência, de sua intencionalidade, mesmo de seu corpo – na direção de um receptor, ele também ausente, que deverá recomeçar a cadeia (ABREU; SILVA; COLLING, 2020). Com Stiegler entendemos que essa comunicação, ou toda comunicação, é ao mesmo tempo derivada e instauradora. Derivada, pois necessita da existência de uma *mnemotécnica* específica, da técnica de arquivamento *possível* ao momento: o desenho rupestre para os povos originários, a escrita alfabética para o homem greco-romano, a impressão para o homem gutenberguiano, a explosão de tecnologias cognitivas, do GPS ao Google Calendar, para nós.

Essa "memória expandida" que molda, in-forma o arquivo como suporte e também como resistência. Stiegler se referirá frequentemente à *retenção terciária* (2009) ou *epiflogênese* (1998), a rememoração em terceiro nível, para além da lembrança individual ou da memória genética. Nesse nível,

situam-se as técnicas, como a escrita, e abre-se a possibilidade para a linguagem:

Um sílex talhado se forma na matéria inorgânica organizada por essa talha: o gesto técnico *engrama* uma organização que se transmite via o inorgânico, abrindo pela primeira vez, na história da vida, a possibilidade de transmitir saberes adquiridos individualmente, mas por uma via não biológica. Essa memória técnica é epiflogenética; ela é ao mesmo tempo o produto da experiência individual epigenética e o suporte filogenético da acumulação de saberes, constituindo o *phylum* cultural intergeracional (STIEGLER, 2009, 31-32, grifo nosso).

O gesto *engrama*, quer dizer que o gesto traça, "*rastreja*". Os processos de constituição desses *meios de memória e in-formação*, Stiegler passará a pensar, cada vez mais, sob a noção de *gramatização*.

O termo aparece pela primeira vez no terceiro volume de *Técnica e tempo* (2010, p. 145), e é tomado ao linguista Sylvain Auroux. Em *A revolução tecnológica da gramatização*, Auroux (2009) descreve a passagem do discurso falado ao escrito por meio da invenção da gramática e da dicionarização, processo que singulariza a linguagem e revoluciona as formas de comunicação (2009, p. 70). Se aí há ainda um eco do fonologocentrismo criticado por Derrida, Stiegler subverte a noção ao pensá-la como um processo mais profundo, base de toda técnica, por descrever o modo de formação dos *rastros*. Para ele, "a gramatização é o processo pelo qual os fluxos e as continuidades, que tecem as existências, são '*discretizados*' (tornados discretos). A escritura, como '*discretização*' do fluxo da palavra, é um estágio da gramatização" (STIEGLER, 2009, p. 27, grifo do autor).

Mas a fala, a *phone*, é já também uma gramatização, no que quebra o fluxo das imagens mentais tanto em fonemas quanto em gestos físicos de vocalização (e aí vemos como Stiegler inverte, desconstrói a metafísica também de Auroux) – e isso ajuda a demonstrar como a discretização "ameaça" a todos os signos, não apenas aos verbais. O "antes" de uma gramatização é sempre o "antes do antes", na direção de outras condições de enunciação e articulação – e esse processo seria rastreável até as pinturas de cavernas no Paleolítico Superior,

como as de Lascaux analisada por Leroi-Gourhan ou as de Chauvet filmadas por Herzog, também referidas por Stiegler (2018). Tais desenhos seriam *gramas*, rastros que dão a entrever o fluxo de consciência, observações e sonhos – a arquiescritura. Assim, a gramatização é uma tendência técnica, como já afirma Stiegler (2016, p. 29), ou ainda, uma arquitecência, que organiza e direciona as outras tendências na sua decomposição em rastros diversos – uma realização da *história do suplemento* proposta por Derrida, mas segundo Stiegler (2018, p. 94)¹⁴ nunca realizada.

A escrita alfabética gramatiza a fala, de mesmo modo que a cibernética gramatiza o fluxo informacional em funções e códigos, e a genética gramatiza a biologia em genomas e cadeias – para retomarmos os três grandes exemplos de campos de inscrição da *Gramatologia*. Além destes casos, Stiegler gosta de destacar a gramatização do trabalho manual em gestos mecânicos, aludindo ao processo de proletarização descrito por Marx (STIEGLER, p. 2009, p. 27). É este processo específico que abre também a gramatização para além do conceito "original" de Auroux: para Stiegler, gramatizar não é apenas discretizar um fluxo, mas é também tornar esses traços *reproduzíveis* – iteráveis, como diria Derrida (1991a), sendo a repetibilidade a condição da comunicabilidade.

Por meio dessas duas características, a leitura dos processos de gramatização permite situar fenômenos contemporâneos dentro de uma história das mnemotecnologias, permitindo sua análise na observação de regularidades e rupturas – tendo até um aspecto quase preditivo, ao poder especular possíveis inovações midiáticas refletindo sobre fluxos informacionais existentes e a emergência de meios técnicos que possam discretizá-los de distintas formas.¹⁵

Essa gramatização do gesto – que é a base do que Marx descreve como proletarização, ou seja, como perda de "saber-fazer" (*savoirfaire*), que continua com os aparelhos eletrônicos e digitais, como gramatização de todas as formas de saberes, na forma de mnemotecnologias cognitivas, onde os saberes linguísticos se tornam tecnologias e indústrias do tratamento automático das línguas, assim também o "saber-viver" (*savoirvivre*), isto é, os comportamentos em geral, do *userprofiling* à gramatização dos afectos – é o que conduz ao capitalismo cognitivo das economias hiperindustriais de serviços (STIEGLER, 2009, p. 27).

A partir daqui, com essa menção ao *userprofiling*, podemos pensar o papel da *digitalização* neste pensamento. A escrita em código binário como linguagem de programação parece acelerar e radicalizar a gramatização, ao realizar uma *ultra-discretização* e ao gerar rastros de um potencial combinatório infinito: "Se, como propus, o conceito de gramatização pode ser estendido a todas as operações que 'discretizam' um fluxo contínuo, então a digitalização é uma gramatização generalizada, ocorrendo em uma velocidade fenomenal" (STIEGLER, 2018, p. 242, tradução nossa).¹⁶

Por aí, entendendo a gramatização digital como uma espécie de programação ampla da cultura, Stiegler transforma a própria teoria em um programa crítico: se "a informática deve ser entendida, de mesmo modo, como uma técnica de formalização do já-ai" (STIEGLER, 2008, p. 110),¹⁷ a tarefa do pesquisador e do crítico é entender como tal formalização se dá: desenroscar os fios, seguir os rastros.

Aí chega-se à capacidade heurística da teoria da escritura, conforme esboçada por Derrida e desenvolvida por Stiegler, na sua interface com a reprodutibilidade técnica e com as tecnologias de informação. Ler a *escritura depois da letra* como existência e resistência da *escritura antes da letra*;

¹⁴ Esse é um dos pontos centrais do artigo de Hui (2020), que confronta o que seria as perspectivas de Derrida e de Stiegler diante da suplementação e da escritura pela divisão em duas percepções: Derrida estaria mais interessado na diversidade de inscrições possíveis, pensando horizontalmente, ao passo que Stiegler propõe um estudo verticalizado, historicizado, que pensaria a escritura em um percurso evolutivo. De nossa parte, a contraposição parece esquemática (além de retomar um binarismo entre sincronia e diacronia) e não a abordaremos aqui – apenas apontando que o quê de teleológico há em Stiegler deve ser deslocado, como veremos a seguir.

¹⁵ Stiegler faz menções recorrentes ao próprio trabalho junto ao Instituto de Pesquisa e Inovação ou ao Centro Georges Pompidou, onde foi responsável pela curadoria de mostras e ciclos sobre "o futuro da tecnologia" (STIEGLER, 2009, 2018).

¹⁶ Do original: If, as I have proposed, the concept of grammatization can be extended to all operations that "discretize" a continuous flow, then digitalization is a generalized grammatization occurring at phenomenal speed.

¹⁷ O conceito de já-ai – *déjà-là*, no original francês, traduzido ao inglês como *alreadythere* – refere-se à condição de "falta original" da humanidade: a memória técnica é um já-ai na medida em que sempre se fez presente, que é tão primária quanto a memória biológica. A nomenclatura guarda relação com o *ser-ai* (*dasein*) heideggeriano, mas subvertendo a ideia de uma essencialidade do ente, como se vê.

ao analisar fenômenos de comunicação enquanto rastros, que gramatizam fluxos informacionais e que atualizam, via continuidades e diferenças (reinscrevem/reescrivem), tendências técnicas anteriores, podemos ter uma visada mais completa do ecossistema midiático.¹⁸

A gramatização digital oferece-se aqui como a oportunidade de um exemplo mais detido. Sendo uma espécie de paroxismo de todos os outros processos de gramatização – condensando suas características, gramatizando todas as gramáticas predecessoras e reduzindo-as a um rastro mínimo –, ela incorpora suas características e as leva para outro lugar. Todas as superfícies ao nosso redor tornaram-se literais *telas de escrita* (STIEGLER, 2018, p. 173).

No prefácio do livro de Hui (2016) sobre os objetos digitais, em que sua teoria comparece de modo decisivo, Stiegler expressa de modo explícito essa síntese: “O algoritmo pertence à história daquilo que, a partir de Sylvain Auroux, chamo de processo de gramatização: o meio digital e completamente reticulado é a fase mais avançada dessa gramatização” (STIEGLER, 2016, p. XI, tradução nossa).¹⁹ A problemática dos algoritmos, candente na área da comunicação hoje, devido a seus impactos socioculturais cada vez maiores, encontra aqui uma perspectiva singular de leitura. No que ela consiste? No que impacta para a compreensão desses obscuros objetos digitais – e, aí, na via de mão dupla dessa perspectiva, o que auxilia na própria compreensão da escritura e da gramatização?

Em um primeiro lance de protoanálise, seria importante destacar a *performatividade algorítmica*, aquilo de que normalmente se fala nas referências críticas ao algoritmo, referindo-se ao problema da coleta, organização e mercantilização dos dados. Para Stiegler, isso reflete o estágio atual da história da escritura: estamos todos nós *escrevendo a todo momento*, lidando com sistemas técnicos

operando em tempo real, 24/7 (TIEGLER, 2016, p. 139). Entende-se melhor aí a força do caráter performativo de uma teoria da comunicação que passa pela escritura derridiana: a operação dos algoritmos, como ponta de lança do ecossistema midiático hoje, seria uma expressão acelerada da ideia de que o comunicar não é uma transmissão de mensagem, mas a constituição de uma máquina produtora, que comunica ao inscrever – e a comunicação e a inscrição se confundem a um só momento (DERRIDA, 1991a, p. 20).

O que é a performance no atual estágio da digitalização? Quase toda interação, seria possível dizer. Curtidas em redes sociais, compartilhamento de notícias, acessos a produtos em sites de vendas, visualização de anúncios: todos esses gestos inscrevem uma informação sobre o usuário-remetente-inscritor em questão (PARISIER, 2011; GILLESPIE, 2014). Esse é o estado da “indústria dos rastros” (STIEGLER, 2016, p. 22) contemporânea, calcada na produção contínua de traços que alimentam os bancos de dados – e estes, no estágio atual de sua composição relacional, alimentam-se dessa interação para afinarem seu funcionamento:

[...] nesta forma de capitalismo digital que é a governabilidade algorítmica, alguém produz um rastro, muitas vezes sem consciência de fazê-lo, por exemplo, ao inserir uma pergunta em um mecanismo de busca ou ao enviar uma mensagem, o sistema interativo que eles usam para gerar a mensagem antecipa suas palavras, suas frases, e assim por diante, o que é dizer que o ultrapassa e o assalta (STIEGLER, 2018, p. 177, tradução nossa).²⁰

Esse momento da operação algorítmica, na captura de certas ações, constitui a chamada mineração de dados (*data mining*), que podemos ler aqui como uma primeira gramatização nesse processo: a quebra em unidades discretas e replicáveis (os dados propriamente ditos) de um fluxo contínuo e instável (a própria experiência do uso).

¹⁸ Há já algumas perspectivas epistemológicas e/ou metodológicas semelhantes na área: essa concepção de uma tradutibilidade entre diferentes fatos/meios/mídias traz a lembrança, por exemplo, da tétrede de McLuhan (1988) ou da ideia de remediação de Bolter e Grusin (2000). Uma aproximação entre a teoria da escritura e essas demais teorias, mais estabelecidas na pesquisa em Comunicação, parece uma próxima etapa a se fazer.

¹⁹ Do original: The algorithmic belongs to the history of what, after Sylvain Auroux, I call a process of grammatization: the digital and thoroughly reticulated milieu is the most advanced stage of this grammatization.

²⁰ Do original: [...] in this form of digital capitalism that is algorithmic governmentality, someone produces a trace, often without being aware of doing so, for example, by entering a query into a search engine or sending out a message, the interactive system they use to generate the message anticipates their words, their phrases, and so on, which is to say that it outstrips and overtakes them.

E, como toda gramatização em curso, torna-se coercitiva, quase compulsória: de mesmo modo que a gramática conforma/in-forma a capacidade expressiva, é praticamente impossível utilizar a *internet* sem produzir rastros capturáveis – e a conformação ou resistência a esse processo informa nossas práticas (gerir alertas de preços em *sites* de venda, comprar passagens aéreas em abas anônimas, utilizar um VPN etc.) e gera diferentes modos de inscrever nessa superfície.

Tais inscrições não são inocentes ou livres, e no contexto da governabilidade algorítmica resultam na criação de perfis computacionais (*profiling*). Esses perfis, com seus “efeitos de identidade” (PARISIÉR, 2011; BRUNO, 2013), organizam os traços de interação na constituição de uma figura do usuário, a ser inserida no sistema, sujeita às interações do programa: recebimento de ofertas, sugestão de conteúdo, controle de acessos etc. O algoritmo funciona operando uma síntese entre os rastros, destaca Hui (2016, p. 235), na direção da constituição desses perfis. Tal aspecto sintético da escritura estaria presente já nas suas primeiras interpretações, lembra Derrida (2017, p. 343): “A história da escritura seguiria então o progresso contínuo e linear das técnicas de abreviação”. Mas o que concepção desconstrutiva, diferencial²¹ da escrita (e da comunicação, insistimos) nos permite entender melhor é não só o caráter *representacional* dessa síntese, mas sua *capacidade de criação*.

O sujeito inventado pelo perfil, como uma espécie de profecia autorrealizável da mitologia, não é o “sujeito real” (embora essa frágil nomenclatura fosse já questionável). É um sujeito inteiramente performativo, descolado (portanto, em *dyferença*) do usuário que fez os cliques, constituído por uma leitura particular, realizada pela plataforma algorítmica em questão, de seus dados. O perfil, como *efeito* do movimento de um(s) rastro(s), é a própria mensagem comunicacional, que viaja descolada de seu momento de performance: “Mas é preciso lembrar que o indivíduo surge como um alvo *a posteriori*, sendo antes um efeito

do processo de monitoramento. Neste sentido, as identidades previstas nos perfis são simulações e *não representações fiéis ancoradas num referente*” (BRUNO, 2013, p. 169, grifo nosso).

Esse processo, assim como o da inscrição, é análogo ao funcionamento da “engramação” original: “Em suma, não são os gramáticos que inventam a gramatização, mas a gramatização, como um acontecimento essencialmente técnico, que produz os gramáticos” (STIEGLER, 2014, p. 54, tradução nossa).²² A digitalização produz os engenheiros da informação: e se os engenheiros da informação na *web 2.0* e seus bancos de dados relacionais somos *nós*, ao alimentar a máquina com dados, a digitalização nos produz. Mas nós já não somos exatamente nós, ou não somos *apenas* nós.

O modelo da “tele-comunicação” de Derrida (1991a, p. 14) retorna: o perfil se constitui numa ausência de seu “objeto inicial” – e esse só seria recuperável por outro processos de mineração/gramatização, que por sua vez poderia geraria ainda outros perfis distintos. Além disso, o perfil é sempre produzido com o objetivo de uma remessa futura: ele é lido e transformado pelo programa que o recebe. A comunicação, entendida em seus termos, é essa estrutura de disseminação, onde traços produzem mais traços, em um processo infinito e infinitesimal, onde os objetos/conteúdos/mensagens já seriam eles mesmos rastros, de um ciclo de comunicação anterior. Aí reside toda sua potência e também todo seu perigo. Como atualização diferida da escritura, toda tecnologia, afirma constantemente Stiegler, é um *phármakon*: veneno e remédio.

Era uma vez...: considerações finais

Ao final desse pequeno excursão sobre a escrita algorítmica, como um pequeno tubo de ensaio, poderíamos sumarizar algumas conclusões.

O que a escritura e a gramatização nos fazem ver da digitalização? A tomada dessa moldura teórica fornece ferramentas para a compreensão dos processos de construção de sentido por parte

²¹ Ver nota nº 4.

²² Do original: In short, it is not the grammarians who invent grammatization, but grammatization, as an essentially technical occurrence, which produces the grammarians.

das mídias digitais, com a modelização de seu funcionamento a partir do mecanismo da inscrição. Localizar a atual explosão das mídias digitais dentro de uma perspectiva de *história do rastro* permite um estudo crítico, bem como ajuda a medir seus impactos na relação *ecológica* entre os diferentes meios e atores do ambiente comunicacional.

Assim o que a digitalização nos revela, das tramas da escritura e da gramatização, é, antes de qualquer coisa, sua produtividade para pensarmos fenômenos midiáticos contemporâneos. Mas também esse programa de investigação desloca e desvia esses conceitos, abala a tranquilidade de sua compreensão: colocar a escritura em marcha é colocá-la à prova, testar seus pressupostos, distender aos limites suas interpretações. Este estudo em específico retoma seu caráter técnico, latente, mas adormecido nas suas leituras correntes e/ou mais célebres – e vemos como essa retomada, por sua vez, abre portas a todo um outro universo de possibilidades de pesquisa.

De volta à *Caverna*, lemos outra cena, outra conversa. Desta vez, Herzog ouve o arqueólogo Julien Monney, um dos responsáveis pelo projeto de digitalização das imagens do interior de Chauvet. Ele diz: "Nosso maior objetivo aqui é criar histórias sobre o que pode ter acontecido na caverna, no passado". Ao que o cineasta provoca: "É como se você estivesse criando o guia telefônico de Manhattan. Quatro milhões de verbetes precisos, mas eles sonham, eles choram a noite? Quais são suas esperanças? Suas famílias? Você nunca saberá disso a partir do guia telefônico". Monney responde, em uma inesperada concordância vinda de um "cientista das origens": "Não, nunca saberemos, porque o passado está definitivamente perdido. Nunca vamos reconstruí-lo. Podemos apenas criar uma representação do que existe agora, hoje".

A resposta, simples, direta, do "desenhista de cavernas" pode servir aqui como uma parábola para rever e fechar este texto. Vemos aí como o rastro não oferece uma possibilidade de "reconstrução", senão de invenção. As pinturas na caverna, os nomes em uma lista, uma manchete de jornal, os dados de minhas interações no Facebook: não há nessas inscrições que não sua própria existência

material. O referente só se pode reconstruir re-troativamente, e mesmo assim permanece como uma interpretação – outra inscrição. E isso vale não apenas para a linguagem verbal, prendendo a escrita a um logocentrismo há muito falido. Se as noções em jogo – escritura, gramatização etc. – são ainda devedoras da metalinguagem científica da linguística é porque todo conceito tem uma história. Mas não se prende a ela, insistimos: pode (deve) construir outra *estória*.

Lembremos as palavras de Genest, o outro cientista de Chauvet: a comunicação como figuração (e isso inclui todas as tecnologias, da pedra à câmera) dá-se entre os sujeitos, mas sempre na direção de um *futuro*. O que parece importar é a capacidade de *contarmos histórias* a partir do que lemos nesses sinais. Talvez seja esse o valor de uma comunicação calcada no conceito de escritura, como queremos propor.

Referências

ABREU, Luis Felipe Silveira de; SILVA, Alexandre Rocha da; COLLING, Giovana dos Passos. A estrutura grafemática da Comunicação.: notas de um pensamento comunicacional em Jacques Derrida. In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 29., 2020, Campo Grande. **Anais eletrônicos** [...] Campinas: Galoá, 2020. Disponível em: <https://proceedings.science/compos-2020/papers/a-estrutura-grafematica-da-comunicacao--notas-de-um-pensamento-comunicacional-em-jacques-derrida>. Acesso em: 17 mar. 2022.

AUROUX, Sylvain. **A revolução tecnológica da gramatização**. Campinas: Editora da Unicamp, 2009.

BOLTER, Jay David; GRUSIN, Richard. **Remediation: understanding new media**. Cambridge: The MIT Press, 2000.

BRUNO, Fernanda. **Máquinas de ver, modos de ser: vigilância, tecnologia e subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2013.

DERRIDA, Jacques; STIEGLER, Bernard. **Echographies of television**. Cambridge: Polity Press, 2002.

DERRIDA, Jacques. **Acts of Literature**. Londres; Nova York: Routledge, 1992.

DERRIDA, Jacques. **A escritura e a diferença**. São Paulo: Perspectiva, 2014.

DERRIDA, Jacques. **A voz e o fenômeno: introdução ao problema do signo na fenomenologia de Husserl**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

DERRIDA, Jacques. **Gramatologia**. São Paulo: Perspectiva, 2017.

DERRIDA, Jacques. **Limited Inc.** Campinas: Papirus, 1991a.

DERRIDA, Jacques. **Margens da filosofia.** Campinas: Papirus, 1991b.

DERRIDA, Jacques. **Posições.** Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

GILLESPIE, Tarleton. The Relevance of Algorithms. *In*: GILLESPIE, Tarleton; BOCZKOWSKI, Pablo J.; FOOT, Kirsten A. (org.). **Media technologies: essays on communication, materiality, and society.** Cambridge: MIT Press, 2014. p.167-194.

HUI, Yuk. **On the existence of digital objects.** Minneapolis: University of Minnesota. Press, 2016.

HUI, Yuk. Writing and cosmotechnics. **Derrida Today.** Edimburgo, v. 13, n. 1, p. 17-32, 2020.

JOHNSON, Christopher. **System and writing in the philosophy of Jacques Derrida.** Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

LEROI- GOURHAN, André. **Evolução e técnicas** – O homem e a matéria. Lisboa: Edições 70, 1984. v. I.

LEROI-GOURHAN, André. **O gesto e a palavra** – Técnica e Linguagem. Porto: Edições 70, 1983. v. I.

MCLUHAN, Marshall; MCLUHAN. **The laws of media.** The new science. Toronto: University of Toronto Press, 1988.

PARISER, Eli. **The Filter Bubble:** what the Internet is hiding from you. Nova York: The Penguin Press, 2011.

PINTO NETO, Moysés. O conceito de escritura em Derrida e a gramatologia da sua época. **Veritas.** Porto Alegre, v. 62, n. 2, p. 308-329, 2017. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/veritas/article/view/27656>. Acesso em: 15 jan. 2022.

STIEGLER, Bernard. Anamnésia e hipomnésia: Platão, primeiro pensador do proletariado. **ARS.** São Paulo, v. 7, n. 13, p. 22-41, 2009. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ars/article/view/3059/3748>. Acesso em: 12 jan. 2022.

STIEGLER, Bernard. **Automatic society.** The future of work. Cambridge/Malden: Polity Press, 2016. v. 1.

STIEGLER, Bernard. Foreword. *In*: HUI, Yuk. **On the existence of digital objects.** Minneapolis/Londres: University of Minnesota. Press, 2016. p. VII-XIV.

STIEGLER, Bernard. **Symbolic Misery.** The Hyper-industrial Epoch. Cambridge/Malten: Polity Press, 2014. v. 1.

STIEGLER, Bernard. **Technics and Time.** The fault of Epimetheus. Stanford: Stanford University Press, 1998. v. 1.

STIEGLER, Bernard. **Technics and Time.** Disorientation. Stanford: Stanford University Press, 2008. v. 2.

STIEGLER, Bernard. **Technics and Time.** Cinematic time and the question of malaise. Stanford: Stanford University Press, 2010. v. 3.

STIEGLER, Bernard. **The Neganthropocene.** Londres: Open Humanities Press, 2018.

Luis Felipe Abreu

Mestre em Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), em Porto Alegre, RS, Brasil. Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), em Porto Alegre, RS, Brasil. Integrante do Grupo de Pesquisa em Semiótica e Culturas da Comunicação (GPESC).

Alexandre Rocha da Silva (*in memoriam*)

Doutor em Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), em São Leopoldo, RS, Brasil. Pesquisador do CNPq (bolsista produtividade); professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), em Porto Alegre, RS, Brasil; coordenador do Membro do Grupo de Pesquisa em Semiótica e Culturas da Comunicação (GPESC).

Endereço para correspondência

Luis Felipe Abreu

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

R. Ramiro Barcelos, 2705, Prédio 22201

Santana, 90035007

Porto Alegre, RS, Brasil.

Os textos deste artigo foram revisados pela Poá Comunicação e submetidos para validação do autor antes da publicação.